

BERNARDO CARVALHO

Nove noites

Romance

5ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2002 by Bernardo Carvalho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto da capa

Fábio Teixeira de Carvalho/Arquivo pessoal

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Bernardo

Nove noites : romance / Bernardo Carvalho. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2002.

ISBN 978-85-359-2670-5

1. Romance brasileiro I. Título.

02-4953

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura brasileira	869.935
2. Século 20 : Romances : Literatura brasileira	869.935

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S. A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui. Pergunte aos índios. Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E amanhã, ao acordar, faça de novo a mesma pergunta. E depois de amanhã, mais uma vez. Sempre a mesma pergunta. E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. Virá escorado em fatos que até então terão lhe parecido incontestáveis. Que o antropólogo americano Buell Quain, meu amigo, morreu na noite de 2 de agosto de 1939, aos vinte e sete anos. Que se matou sem explicações aparentes, num ato intempestivo e de uma violência assustadora. Que se maltratou, a

despeito das súplicas dos dois índios que o acompanhavam na sua última jornada de volta da aldeia para Carolina e que fugiram apavorados diante do horror e do sangue. Que se cortou e se enforcou. Que deixou cartas impressionantes mas que nada explicam. Que foi chamado de infeliz e treloucado em relatos que eu mesmo tive a infelicidade de ajudar a redigir para evitar o inquérito. Passei anos à sua espera, seja você quem for, contando apenas com o que eu sabia e mais ninguém, mas já não posso contar com a sorte e deixar desaparecer comigo o que confiei à memória. Também não posso confiar a mãos alheias o que lhe pertence e durante todos estes anos de tristezas e desilusões guardei a sete chaves, à sua espera. Me perdoe. Não posso me arriscar. Já não estou em condições ou idade de desafiar a morte. Amanhã pego a balsa de volta para Carolina. Mas antes deixo este testamento para quando você vier e deparar com a incerteza mais absoluta.

Seja bem-vindo. Vão lhe dizer que tudo foi muito abrupto e inesperado. Que o suicídio pegou todo mundo de surpresa. Vão lhe dizer muitas coisas. Sei o que espera de mim. E o que deve estar pensando. Mas não me peça o que nunca me deram, o preto no branco, a hora certa. Terá que contar apenas com o imponderável e a precariedade do que agora lhe conto, assim como tive de contar com o relato dos índios e a incerteza das traduções do professor Pessoa. As histórias dependem antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las. E quando vier você estará desconfiado. O dr. Buell, à sua maneira, também era incrédulo. Resistiu o quanto pôde. Precisamos de razões para acreditar. Estarei abusando da sua paciência e boa vontade, seja você quem for, se lembrar que morremos todos? Me lembro do dia em que ele chegou à cidade que chamou de morta nas cartas, em março de 1939, desconfiado como você agora, a primeira vez que o vi. Todos conheciam o ronco do hidroavião da Condor quando se aproximava da cidade, anunciando a sua chegada. Ninguém mais nos visitava. Muita gente cor-

reu para o rio. Eu estava ocupado com uma obra, mas ainda pude vislumbrar no chão da casa sem teto a sombra do avião, que sobrevoava as mangueiras a caminho do rio. Terminei o serviço e desci até o porto. Ele posava para o fotógrafo que o representante da agência Condor havia contratado para registrar o acontecimento e que, com a câmera sobre um tripé, fixava para sempre nas suas chapas a chegada do ilustre etnólogo, ao lado dos índios e do piloto, todos de pé sobre a asa do avião. Sua vinda provocou uma sensação que cinco meses depois todos já tinham esquecido, se é isso que você quer saber. Nós nos acostumamos muito depressa com o extraordinário. Só eu guardo a memória dele. Mas naquele dia nem eu nem ninguém podíamos imaginar o que recebíamos. Veio com um chapéu branco, como se fosse o capitão de um navio, camisa branca, bombachas e botas. Nem eu nem ninguém podíamos ver nada por trás da elegância tão altiva e imprópria para o lugar e a ocasião, ainda mais para quem agora olha retrospectivamente. Ninguém podia prever a desgraça que em menos de cinco meses lhe arrancaria a vida. Me aproximei da cena a que a cidade assistia muda, sem entender a missão que recebia e que nenhuma alma humana seria capaz de recusar. Eu fui essa alma. O representante da Condor nos apresentou, mas o etnólogo não me viu. Apertou a minha mão como a de qualquer outro e sorriu, sorria para todos, mas não notou a minha presença. Mal ouviu o meu nome. Se o tivesse entendido, teria na certa caçoado, porque apesar de tudo não lhe faltava humor. O meu nome é motivo de chacota fora daqui. E ele tinha acabado de chegar. Só mais tarde é que entenderia as circunstâncias e as vantagens de ter um aliado em mim. Só então aceitaria a minha amizade, à falta de outra. Posso ser um humilde sertanejo, amigo dos índios, mas tive educação e não sou tolo. Não guardo rancor de ninguém, muito menos do dr. Buell, meu amigo, a despeito de tudo o que possa ter pensado ou escrito e a que só tive acesso pela incerteza das traduções do professor Pessoa a procurar nos papéis do morto uma explicação

que eu mesmo fiz o que pude para esconder. Era preciso que ninguém achasse um sentido. É preciso não deixar os mortos tomarem conta dos que ficaram. Desde o início, embora não pudesse prever a tragédia, fui o único a ver nos olhos dele o desespero que tentava dissimular mas nem sempre conseguia, e cuja razão, que cheguei a intuir antes mesmo que ela me fosse revelada, preferi ignorar, ou fingir que ignorava, nem que fosse só para aliviá-lo. Acho que assim eu o ajudei como pude. Tendo presenciado os poucos momentos em que não conseguiu se conter, eu sabia, e o meu silêncio era para ele a prova da minha amizade. Assim são os homens. Ou você acha que quando nos olhamos não reconhecemos no próximo o que em nós mesmos tentamos esconder? Não há nada mais valioso do que a confiança de um amigo. Por isso aprecio os índios, com os quais convivo desde criança, desde o tempo em que o meu avô os amansou. Sempre os recebi na minha casa. Sempre soube o que diziam de mim pelas costas, que me consideravam um pouco louco, aliás como a todos os brancos. Mas a mim importava apenas que pudessem contar comigo. E que soubessem que eu não esperava nada em troca. De mim teriam tudo o que pedissem, e Deus sabe que seus pedidos não têm fim. Fiz tudo o que pude por eles. E também pelo dr. Buell. Dei a ele o mesmo que aos índios. A mesma amizade. Porque, como os índios, ele estava só e desamparado. E, a despeito do que pensou ou escreveu, não passava de um menino. Podia ser meu filho. Nada me abalou tanto. Nem mesmo quando fui destituído das funções de encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega pelo sr. Cildo Meireles, inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, três anos depois da tragédia, quando ele me recomendou que dali em diante eu deixasse o meu coração a cinco léguas de distância do posto e me afastasse para sempre dos índios — não queria me ver pela frente. Nem mesmo a humilhação de ter sido dispensado do cargo que ocupei por pouco mais de um ano e que o próprio dr. Buell tinha me ajudado a conquistar em defesa dos índios, graças às cartas de recomendação que

enviou ao Rio de Janeiro. E nem mesmo o massacre da aldeia de Cabeceira Grossa, que o dr. Buell talvez tivesse podido impedir se ainda estivesse vivo e entre eles quando os fazendeiros prepararam a emboscada um ano depois do seu suicídio. Nada me entristeceu tanto quanto o fim do meu amigo, cuja memória decidi honrar. Eu o acolhi quando chegou. Nada do que tenha pensado ou escrito pode me causar rancor, nunca esperei nada em troca, porque sei que, no fundo, fui a última pessoa com quem ele pôde contar.

Sai da casa sem teto ao cair da tarde, quando uma nuvem de morcegos também saiu do tronco oco de uma mangueira e se canalizou pelas ruas, numa enxurrada, em vôo rasante e cego, a ignorar bicicletas e pedestres, que também os ignoravam naquela cidade morta, como ele a descreveu, se formos confiar nas traduções do professor Pessoa. Posso ser ignorante, mas nunca fui supersticioso. Podia ter visto um sinal de mau agouro na nuvem de pequenos vampiros que o recebiam. Mas tudo o que vi foram os seus olhos quando cheguei ao rio, a expressão que assumiam, por distração e cansaço, entre uma fotografia e outra, quando se esquecia de que também o olhavam. Queria partir para a aldeia. Estava exausto. Queria ficar longe dos olhares. Só você poderia ter me dito o que ele veio fazer aqui, se veio realmente para morrer, como acabei suspeitando ao receber a notícia do suicídio. Faz anos que o espero, em vão.

No dia 9 de agosto daquele ano, cinco meses depois de ele ter chegado a Carolina, uma comitiva de vinte índios entrou na cidade no final da tarde. Traziam a triste notícia e, na bagagem, os objetos de uso pessoal do dr. Buell, que eu mesmo recebi e contei, com lágrimas nos olhos: dois livros de música, uma Bíblia, um par de sapatos, um par de chinelos, três pijamas, seis camisas, duas gravatas, uma capa preta, uma toalha, quatro lenços, dois pares de meias, um suspensório, dois ternos de brim, dois ternos de casimira, duas cuecas e um envelope com fotografias. O seu retrato não estava entre elas. Havia a foto de uma casa de madeira na praia; havia os retratos dos

negros do Pacífico Sul, que lhe contaram lendas e canções; havia retratos dos Trumai do alto Xingu, mas não havia nenhuma foto de família, nem do pai, nem da mãe, nem da irmã, nem de nenhuma mulher. É possível que tivesse queimado esses retratos junto com as outras cartas que recebera antes de se matar. Os índios não tocaram em nada. Foram à minha casa sem parar nem falar com ninguém pelo caminho — estavam com medo, achavam que pudessem ser incriminados —, o que não impediu que a notícia logo se espalhasse, e em pouco tempo uma pequena multidão de curiosos cercava a minha modesta morada. Mandeï chamar o professor Pessoa às pressas, que depois de ler uma das cartas deixadas pelo infeliz, em inglês, acalmou os índios e garantiu a todos que eles não tinham nenhuma responsabilidade na trágica ocorrência. Ele deixou cartas para os Estados Unidos, para o Rio de Janeiro, para Mato Grosso e duas para Carolina, uma para o capitão Ângelo Sampaio, delegado de polícia, e a outra para mim.

Desde então eu o esperei, seja você quem for. Sabia que viria em busca do que era seu, a carta que ele lhe escrevera antes de se matar e que, por segurança, me desculpe, guardei comigo, desconfiado, já que não podia compreender o que ali estava escrito — embora suspeitasse — nem correr o risco de pedir ao professor Pessoa que me traduzisse aquelas linhas. Foi a única que não remeti ao Rio de Janeiro. Hoje, mal se passaram seis anos da morte do dr. Buell, e o próprio professor já se diz etnólogo e se autoproclama estudioso dos Krahô, como se nunca tivesse passado nenhum etnólogo por Carolina, como se bastasse a sua autodeterminação para se equiparar ao homem que o ignorou e de quem ele diz também já não se lembrar, pois só a lembrança já lhe faria sombra e daria os parâmetros que lhe faltam para reconhecer a própria mediocridade e ignorância. Posso ser um simples sertanejo, mas não sou tolo. Dos envelopes fechados, aquele era o único cujo destinatário, até onde eu sabia, não era da família do dr. Buell nem tampouco outro antropó-

logo ou missionário. Peço que me entenda. Eram tempos difíceis. Tudo o que fiz foi por amizade, para protegê-lo. Você não pode imaginar, seja lá quem for. As cartas seguiam para o Rio de Janeiro antes de serem remetidas aos Estados Unidos. Nada me garantia que não fossem abertas e lidas, como fizeram as autoridades maranhenses ao submetê-las ao professor Pessoa em busca de uma explicação, ou que não se extrviassem. Ainda mais se fosse instaurado o inquérito. Guardei comigo esta única carta, para protegê-lo, e aos índios. Jurei que ninguém além de você poria os olhos nela. Mandeilhe um bilhete no lugar da carta, um bilhete cifrado, é verdade, em código, que o professor Pessoa me ajudou a redigir em inglês, sem saber a quem me dirigia ou com que objetivo, pensando que se tratava de um parente do morto, uma vez que anteriormente já lhe pedira ajuda para escrever uma carta de pêsames que decidira enviar à mãe. Nunca pude me certificar de que você tenha recebido esse bilhete, ou que o tenha compreendido, já que não veio atrás do que lhe pertencia. Faz anos que o espero, mas já não posso me arriscar ou desafiar a morte. Este mês começam as chuvas. Amanhã pego a balsa de volta para Carolina, mas antes deixo este testamento para quando você vier.

2. Ninguém nunca me perguntou. E por isso também nunca precisei responder. Não posso dizer que nunca tivesse ouvido falar nele, mas a verdade é que não fazia a menor ideia de quem ele era até ler o nome de Buell Quain pela primeira vez num artigo de jornal, na manhã de 12 de maio de 2001, um sábado, quase sessenta e dois anos depois da sua morte às vésperas da Segunda Guerra. O artigo saiu meses antes de outra guerra ser deflagrada. Hoje as guerras parecem mais pontuais, quando no fundo são permanentes. Li várias vezes o mesmo parágrafo e repeti o nome em voz alta para me certificar de que não estava sonhando, até enten-

der — ou confirmar, já não sei — que o tinha ouvido antes. O artigo tratava das cartas de outro antropólogo, que também havia morrido entre os índios do Brasil, em circunstâncias ainda hoje debatidas pela academia, e citava de passagem, em uma única frase, por analogia, o caso de “Buell Quain, que se suicidou entre os índios krahô, em agosto de 1939”.

Procurei a antropóloga que havia escrito o artigo. A princípio, foi seca no telefone. Deve ter achado estranho que alguém lhe telefonasse por causa de um detalhe do texto, mas não disse nada. Trocamos alguns e-mails, que serviram como uma aproximação gradual. Preferia não me encontrar pessoalmente. Queria ter certeza de que os meus objetivos não eram acadêmicos. Mas mesmo se de início chegou a desconfiar do meu interesse por aquele homem, não perguntou as minhas verdadeiras intenções. Ou, pelo menos, não insistiu em saber as minhas razões. Supôs que eu quisesse escrever um romance, que meu interesse fosse literário, e eu não a contrariei. A história era realmente incrível. Aos poucos, conforme me embrenhava naquele caso com as minhas perguntas, passou a achar natural a curiosidade que eu demonstrava pelo etnólogo suicida. Talvez por discrição e por sentir que, de alguma forma e por uma experiência que ela não teria podido conceber, eu também havia intuído naquele caso algo que mais tarde ela própria me revelaria ter suspeitado desde sempre, quando por fim nos encontramos e ela me fez a pergunta. Foi ela quem me indicou as primeiras pistas.

Os papéis estão espalhados em arquivos no Brasil e nos Estados Unidos. Fiz algumas viagens, alguns contatos, e aos poucos fui montando um quebra-cabeça e criando a imagem de quem eu procurava. Muita gente me ajudou. Nada dependeu de mim, mas de uma combinação de acasos e esforços que teve início no dia em que li, para o meu espanto, o artigo da antropóloga no jornal e, ao

pronunciar aquele nome em voz alta, ouvi-o pela primeira vez na minha própria voz.

Buell Quain se matou na noite de 2 de agosto de 1939 — no mesmo dia em que Albert Einstein enviou ao presidente Roosevelt a carta histórica em que alertava sobre a possibilidade da bomba atômica, três semanas antes da assinatura do pacto de não-agressão entre Hitler e Stalin, o sinal verde para o início da Segunda Guerra e, para muitos, uma das maiores decepções políticas do século XX. Topei com uma referência à carta de Einstein, por mera coincidência, logo que comecei a vasculhar a morte de Quain. Ele não chegou a ver nada. O mundo dele não foi o meu. Não viu a guerra, não viu a bomba — ainda que, na loucura final das suas observações sobre os Krahô, e com base nas lembranças das revistas científicas que lia na adolescência, tenha tentado aplicar “os mesmos princípios matemáticos que governam os fenômenos atômicos” aos fenômenos sociais, detectando nos índios “síndromes de comportamento cultural” análogas às leis da física. Tinha um fascínio quase adolescente pela ciência e pela tecnologia. Não podia ter pensado que quanto mais o homem tenta escapar da morte mais se aproxima da autodestruição, não podia lhe passar pela cabeça que talvez fosse esse o desígnio oculto e traiçoeiro da ciência, sua contrapartida, embora muito do que observou entre os índios e associou por intuição à sua própria experiência pudesse tê-lo levado a alguma coisa muito próxima dessa conclusão. Quando se matou, tentava voltar a pé da aldeia de Cabeceira Grossa para Carolina, na fronteira do Maranhão com o que na época ainda fazia parte de Goiás e hoje pertence ao estado do Tocantins. Tinha vinte e sete anos. Deixou pelo menos sete cartas, que escreveu, aos prantos, nas últimas horas que precederam o suicídio. Queria deixar o mundo em ordem, a julgar pelo conteúdo das quatro a que tive acesso, endereçadas a sua orientadora, Ruth Benedict, da Universidade de Columbia, em Nova

York; a dona Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro; a Manoel Perna, um engenheiro de Carolina de quem se tornara amigo, e ao capitão Ângelo Sampaio, delegado de polícia da cidade. Queria isentar os índios de qualquer culpa, constituir seus executores testamentários e instruí-los sobre a disposição de seus bens. São cartas em que dá instruções aos vivos sobre como proceder depois da sua morte. Entre as que não consegui encontrar, no entanto, sei que havia pelo menos uma endereçada ao pai médico, dr. Eric P. Quain, recém-divorciado e hospedado no Annex Hotel, em Bismarck, na Dakota do Norte; outra ao reverendo Thomas Young, missionário americano instalado com a mulher em Taunay, em Mato Grosso, e uma terceira ao cunhado Charles C. Kaiser, marido de sua irmã, Marion. E nessas é muito possível que não tenha deixado apenas instruções.

Quain chegou ao Brasil em fevereiro de 1938. Desembarcou no Rio de Janeiro às vésperas do Carnaval. Foi morar numa pensão da Lapa, reduto de todos os vícios, da malandragem e da prostituição. Um ano e cinco meses depois estava morto. Ao receberem a notícia, alguns colegas da Universidade de Columbia, em Nova York, chegaram a especular que a sua vinda ao Brasil já fizesse parte de um processo suicida deliberado, outros suspeitaram que tivesse sido assassinado. Viera em princípio com o propósito de estudar os índios karajá, na mesma expedição que acabou sendo realizada por outro antropólogo de Columbia, William Lipkind, e sua mulher. Quain mudou de planos ao chegar ao Rio. Os inacessíveis índios trumai, do rio Coliseu, no alto Xingu, estavam em vias de extinção e representavam um desafio muito maior que os conhecidos e aculturados Karajá, um desafio cujas consequências o jovem etnólogo, intrépido e ambicioso, não podia prever ou aquilatar ao transformá-los no objeto da sua vã obstinação. Sua expedição solitária aos Trumai ao longo de 1938 foi marcada por percalços, imprevistos, frustrações e contrariedades, que termina-

ram com a interrupção da sua pesquisa de campo, a indisposição com os órgãos governamentais do Estado Novo e a volta forçada ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1939. Um golpe que abalou ainda mais o seu já instável estado de espírito.

Seu retorno contrariado à capital coincidiu com a chegada ao Brasil de um colega da Universidade de Columbia, Charles Wagley, que vinha de navio dos Estados Unidos para estudar os Tapirapé, e também com a passagem de Ruth Landes pela cidade — a jovem antropóloga de Nova York estava no país havia meses com o objetivo de estudar os negros e o candomblé da Bahia. Os três eram alunos diletos de Ruth Benedict, uma das principais representantes da corrente antropológica que ficou conhecida por associar Cultura e Personalidade, na tentativa de explicar o comportamento pela inserção social e assim relativizar os conceitos de normalidade e anormalidade no que diz respeito aos indivíduos. Em meados dos anos 30, na esteira do New Deal, o Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, dirigido por Franz Boas, acolheu estudantes atraídos por um pensamento liberal que se propunha a cortar cientificamente as raízes dos preconceitos sociais. Depoimentos de alunos e colegas atribuem a Benedict uma preferência por estudantes em desacordo com o mundo a que pertenciam e de alguma forma desajustados em relação ao padrão da cultura americana. É possível que reconhecesse neles algo de si mesma, e os protegesse.

Ao receber a notícia do suicídio do aluno, recém-isolada na fronteira do Canadá, na região das montanhas Rochosas, para onde havia se recolhido, dando início a seu ano sabático, Benedict esboçou uma carta à mãe de Quain: “Minha secretária acaba de me telegrafar, e em meio à minha própria dor só consigo pensar na senhora. Ele foi um filho que sempre a preocupou. É desolador. De todos os meus alunos, guardo no coração o lugar mais caloroso para Buell, e neste momento só consigo pensar na perda pessoal e

chorar o seu sofrimento, cujos motivos ainda não conhecemos. Nunca esquecerei a sua dedicação ao trabalho e fico contente de poder, ao publicá-lo, ajudar a pô-lo na vanguarda da pesquisa de campo. Ele realizou muita coisa, e eu acredito que, no íntimo, ainda quisesse realizar muito mais. Estou paralisada pela dor. Que Deus possa confortá-la no seu sofrimento”.

Buell Quain foi aceito na pós-graduação do Departamento de Antropologia de Columbia depois de se formar em zoologia, em 1934, pela Universidade de Wisconsin, em Madison. Durante seus anos de bacharel, também se interessou por vários outros assuntos, a começar por literatura e música. No prefácio do livro *The flight of the chiefs*, que o jovem etnólogo de Columbia escreveu com a transcrição das lendas e canções que havia coletado numa aldeia de Vanua Levu, nas ilhas Fiji, no Pacífico Sul, ao longo do seu primeiro trabalho de campo, quando tinha apenas vinte e quatro anos, e que foi publicado em 1942, após a morte dele, seu antigo professor de inglês em Madison, William Ellery Leonard, autor de uma versão em inglês do poema épico babilônico *Gilgamesh*, cujo tema da amizade, da morte e da busca de imortalidade atraiu em especial a atenção de Buell nos anos de faculdade, exalta o espírito aventureiro e faz o inventário das viagens do ex-aluno pelo mundo, ao mesmo tempo que lamenta a sua morte prematura no interior do Brasil. Ao terminar o ginásio, aos dezesseis anos, Buell já tinha atravessado os Estados Unidos de carro. Em 1929, antes de entrar para a universidade, passou seis meses na Europa e no Oriente Médio, percorrendo Egito, Síria e Palestina. Nas férias do ano seguinte, foi para a Rússia. Depois de prestar os exames, em fevereiro de 1931, embarcou numa viagem de seis meses, como marinheiro, num vapor para Xangai. Em 1935, estava em Nova York, e no ano seguinte, em Fiji. Numa carta à mãe de Buell, meses depois da morte do etnólogo, Heloísa Alberto Tor-

res se dizia espantada com tanta coisa feita em tão pouco tempo: “Era tão moço e tinha visto tanto. Que vida extraordinária!”.

O mais incrível, nos nascimentos, é a euforia cega com que os pais encobrem o risco e a imponderabilidade do que acabaram de criar, a esperança com que o recebem e que os faz transformar em augúrio promissor a incapacidade de prever o futuro que ali se anuncia e a impotência de todas as medidas de precaução nesse sentido. Se assim não fosse, é bem provável que o ser humano já tivesse desaparecido da face da Terra, pelas mãos de mães zelosas e assassinas. Buell Halvor Quain nasceu em 31 de maio de 1912, às 11h53 da noite, no hospital de Bismarck, capital da Dakota do Norte. A certidão de nascimento diz que foram tomadas as devidas precauções contra oftalmia neonatal, àquela altura um procedimento de praxe contra a transmissão de doenças venéreas aos recém-nascidos. Quase cinco anos depois do suicídio, numa carta de 31 de maio de 1944, dia do aniversário dele, sua mãe escreveu a Heloísa Alberto Torres: “Faz trinta e dois anos esta noite que ele nasceu. Em pequeno, sempre respondia às pessoas que lhe perguntavam quando tinha nascido: ‘A dez minutos de junho’. Há cinco anos, ele me escreveu de Carolina a última carta de aniversário”.

Eric P. Quain, o pai de Buell, tinha quarenta e um anos quando o filho nasceu. Era médico e cirurgião. Nascido na Suécia, foi um pioneiro da medicina no Meio-Oeste. Formou-se em 1898 e levou métodos cirúrgicos modernos para Bismarck, além do primeiro aparelho de raios X. A clínica que fundou em 1907 ainda é um dos principais centros hospitalares da região e só muito recentemente deixou de se chamar Quain and Ramstad Clinic.

Fannie Dunn Quain tinha trinta e oito anos. Foi o seu terceiro parto, o segundo bem-sucedido. O casal já tinha uma filha, Marion. Fannie era médica, como o marido, formada também em

1898, pela Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Foi a primeira mulher da Dakota do Norte a obter um diploma em medicina. Ao se casar, em 25 de março de 1903, abandonou a profissão e passou a cuidar da casa. Durante toda a vida, porém, teve participação ativa no serviço público, especialmente nas questões filantrópicas relacionadas à saúde e à educação. Era membro do conselho de educadores do Ginásio de Bismarck quando Buell nasceu, militou pela implantação de um sanatório para tuberculosos no estado e participou da convenção do Partido Democrata em 1936.

Fannie e Eric Quain se separaram pouco antes do suicídio do filho. Aparentemente inconformado com a morte de Buell — a despeito do que depois revelaria a filha Marion a Ruth Benedict, numa carta estranha e cheia de amargura —, o pai lançou mão de seus conhecimentos e apelou a um influente senador da Dakota do Norte, Gerald Nye, para que entrasse com um pedido de investigação junto ao Departamento de Estado. O processo não foi adiante, uma vez constatadas as provas irrefutáveis do suicídio.

Depois da morte do filho, Eric Quain se mudou para a costa oeste, para onde também costumava ir a família da filha, pelo menos durante as festas de fim de ano, embora haja indícios de que pai e filha não se dessem bem. Casou-se de novo e continuou exercendo a medicina até a sua morte, em Salem, Oregon, em 1962. Fannie Quain tentou vencer a solidão, as lembranças do filho e a dificuldade de viver “entre as coisas que ele trouxera para casa de vários cantos do mundo”. No início, procurou ficar longe de casa para não ter de conviver com o silêncio eloquente desses objetos, a começar pelo piano, que era “a coisa de que ele mais gostava e agora está calado”. Em 1939, esteve com a filha em Chicago e no Oregon, onde passou o Natal perto do monte Hood, nos arredores de Portland. Visitou parentes na Califórnia. Mas, sobre-

tudo, imbuíu-se de uma missão, empenhando-se, com o auxílio de Ruth Benedict e do fundo deixado por Buell, na publicação das notas que ele tomara em Fiji (além de *Flight of the chiefs*, foi publicado, em 1948, com o título *Fijian village*, outro relato sobre os dez meses que ele passara, entre 1935 e 1936, entre os indígenas de Vanua Levu). Também estudou linguística para poder preparar os manuscritos que o filho havia elaborado sobre a língua dos Krahô. Em sua correspondência com Heloísa Alberto Torres, dá para notar que era uma mulher aflita. Descontando-se a dificuldade do momento, em que de repente se viu sozinha no mundo, recém-divorciada e com o filho morto, há nessas cartas uma estranha ansiedade, como se, mais do que querer saber a razão do suicídio do filho, temesse que alguém já a conhecesse ou viesse a descobri-la. Morreu em 1950, aos setenta e seis anos.

Dois meses antes de se matar, o antropólogo mencionou em suas cartas “questões familiares” que o obrigavam a interromper o trabalho com os índios e voltar aos Estados Unidos. Adona Heloísa, ele escreveu em 5 de junho de 1939: “Os dois contos que a senhora mandou podem tornar possível o meu retorno a Nova York pela Bahia ou por Belém. Por mais que quisesse voltar ao Rio de Janeiro, questões familiares exigem a minha presença nos Estados Unidos. Eu havia mencionado alguma coisa sobre doença na família, mas também não é isso que me preocupa. Meus pais acabam de passar por um processo de divórcio que durou seis meses. Estão com quase setenta anos, e se odiaram por trinta anos ou mais. Meu pai sofre de uma forma atenuada de degenerescência senil — talvez seja o que o tenha levado a escarafunchar o passado nos últimos seis meses. A senhora pode me achar materialista ao extremo, mas tenho que voltar à América na esperança de salvar uma pequena propriedade e pô-la a serviço da etnologia. Temo, entretanto, que seja tarde demais”.